

Resenha

**Éros Rebelle, Littérature et Dissidence à l'Âge Classique,
de Michel Jeanneret**
**Eros Rebelde, Literatura e Dissidência na Era Clássica,
de Michel Jeanneret**

Paula Schild Mascarenhas

Professora da Universidade Federal de Pelotas

Doutoranda UFRGS

Brasil

293

JEANNERET, Michel. **Éros rebelle, littérature et dissidence à l'âge classique**. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

*Éros Rebelle,
Littérature et
Dissidence à
l'Âge Classique,
de Michel
Jeanneret*

Paula Schild
Mascarenhas

Na conclusão de seu livro sobre a literatura licenciosa no século XVII, Michel Jeanneret explica que não incluiu o *Don Juan* de Molière entre os livros analisados porque em tal obra “a sensualidade e o sexo engendram ideias mais do que imagens”, ou seja, *Don Juan* passa “da libertinagem de costumes à libertinagem de pensamento”, que irá caracterizar, mais tarde, o século XVIII. É justamente sobre a libertinagem de costumes, a qual, utilizando a literatura como arma, engendra imagens poderosas, que se debruçará o autor, trazendo a público uma faceta ainda bastante obscura daquele conhecido como o Grande Século francês.

Fixando seu terreno de pesquisa num espaço temporal bem definido, o momento em que a Contra-Reforma se endurece e o absolutismo se esboça, reforça-se e atinge sua culminância, na França de Henrique IV, de Luís XIII e de Luís XIV, Jeanneret vai buscar e revelar, sob a pena de alguns autores, a aposta de que Eros e sua inserção na literatura são os meios mais contundentes de insubordinação numa

sociedade cada vez mais submetida à ordem, à disciplina e a uma censura e controle crescentes.

A subversão erótica movida por esses escritores provém da crença na associação entre desejo e liberdade: o direito de amar e o direito de pensar se encontram e se transformam em resistência pela palavra escrita. Resistência, sobretudo, à onda de repressão religiosa movida pela Contra-Reforma, que, atacando o corpóreo, prega a abstinência e o ascetismo. Desfraldando a bandeira da legitimidade do desejo, tais autores desafiam, porém, mais do que as austeras concepções religiosas vigentes: trata-se antes de tudo de um gesto de rebelião intelectual e política, de um gesto ideológico de recusa a toda autoridade.

O livro de Michel Jeanneret é, em suas palavras, um convite ao leitor a fazer “um passeio por algumas regiões mal afamadas do Grande Século”, as quais se encontram nas vizinhanças do cânone, sustentadas porém, em alguns casos, por autores que costumam frequentá-lo. Partindo das antologias coletivas de poemas eróticos, em que se encontram textos até mesmo do poeta oficial da corte, Malherbe, passando pelo processo de Théophile de Viau, vítima primeira e exemplar da censura pública, o autor chega aos manuais de erotologia, que propõem uma ciência do prazer físico e cujo mais célebre exemplar, *École des filles*, inaugura a tradição dos tratados libertinos que camuflam a pornografia sob a aparência de um diálogo de aprendizagem.

Da relação entre gozo e refinamento intelectual, proposta pelo *Francion* de Sorel, que seria um “protótipo de Don Juan”, Jeanneret chega ao papel feminino nessa revolução silenciosa. É quando evoca a célebre cortesã Ninon de Lenclos, dona de um salão frequentado por figuras conhecidas da corte e do mundo intelectual. Ninon é o símbolo da autonomia sexual feminina, ela que, contra todos os dogmas da Igreja reservados à mulher – a questão da virgindade, a castidade, o ascetismo – popugnava o adultério, considerando o prazer e o gozo como fins únicos da relação sexual. Mas Ninon, assim como o personagem de Sorel, fazia do desejo e do sexo uma questão de estilo, em que predominavam as boas maneiras e a inteligência. Inteligentes e emancipadas são também as heroínas de Brantôme, apresentadas em seu *Recueil des dames*; mulheres que tiram do sexo prazer e poder.

Nessa pesquisa sobre o poder desestabilizador de Eros na literatura, não poderia faltar aquele que foi o gênero por excelência do século XVII na França. O teatro não

ficou imune ao movimento de transgressão representado pela exposição do desejo. Num primeiro momento, em peças ainda barrocas como as de Alexandre Hardy, o sexo é literalmente encenado, e o espetáculo propõe ao espectador um jogo, em que o erotismo evoca o prazer de ver. Alguns anos depois, a “querela do *Cid*” mostra o quanto Corneille ultrapassou, de forma mais velada mas não menos eficaz, os limites já então bem estreitos das *bienséances*, revelando, por trás de um discurso da moral e do dever, o desejo irrefreável de sua protagonista. Trata-se de um dos momentos de maior liberdade que se permitiu o dramaturgo, talvez por estar no início de sua carreira, ele que se submeteria, a partir de então, segundo Jeanneret, a buscar um equilíbrio penoso entre “a voz obcecante da ortodoxia [...] e as exigências, largamente contraditórias, da arte e do imaginário”.

Finalmente, o autor chega à comédia de Molière, dramaturgo que não se deixou restringir pelas prudentes abordagens psicológicas e se mostrou livre o suficiente para expor o espetáculo do desejo físico, fazendo dele quase uma apologia, o que suscitou calorosos debates em torno da peça *Escola de Mulheres*.

O livro, dividido em três partes – “O tabu”, “A provocação” e “O espetáculo do desejo” – traz à comparação com essa investida libertina característica do século XVII, que o autor chega a considerar pornográfica, os textos produzidos no século XVI. Tais textos, “alegres”, hedonistas e naturistas no caso de Ronsard, portadores, no caso de Montaigne, de uma teoria da importância da falta e da incompletude na constituição do prazer - a qual funda, na opinião de Jeanneret, a estética dos *Ensaaios* –, terão grande influência sobre *L’Astrée*. Esse romance, característico do século XVII, apesar de hedonista e contemporâneo das Antologias coletivas de poemas eróticos, adota estratégia oposta: o desejo é sugerido, estimulado, mas sempre reprimido, nunca satisfeito.

Mais tarde, La Fontaine saberá tirar proveito dessa lição de contenção aparente: Jeanneret mostra o quanto o autor das *Fábulas* desenvolve, em seus *Contos*, “a arte de tudo sugerir sem nada dizer”, usando o humor para desconstituir o erótico, fazendo o sexo estar em todos os lugares e em lugar algum. Nunca os interstícios e as entrelinhas guardaram tanto conteúdo...

A delimitação do perfil sócio-político desses escritores não é tarefa fácil; erraria quem pensasse que uma oposição entre libertinos e conformistas ou inovadores e

conservadores poderia esclarecer os espaços ocupados por cada um na sociedade. Na corte de Henrique IV e na de Maria de Médicis, por exemplo, reina a mais pura liberdade de costumes e de ideias; nessa época e mesmo mais tarde, poetas e escritores libertinos, aventureiros e epicuristas frequentam normalmente os meios aristocráticos e têm atitudes aparentemente paradoxais, ora revelando uma insubordinação à ordem, ora se colocando a serviço do poder oficial, como é o caso de Théophile de Viau, de La Mothe Le Vayer e, já sob Mazarin, de Gabriel Naudé. Estratégia de defesa ou dificuldade em associar discurso e prática, tais comportamentos só reforçam a complexidade desse universo social.

Boa parte dos textos analisados não pertence ao cânone, e, embora comumente negligenciados pela crítica, trazem nova luz sobre uma época fecunda e pouco conhecida. O Eros rebelde desvendado por Michel Jeanneret desvela os bastidores do século XVII francês, cujo equilíbrio tão propagado parece ser mera aparência. A revolta, a indisciplina, o desejo candente e a transgressão são também componentes da idade clássica. Pela pertinência das análises, pela propriedade com que relaciona a história literária da época estudada com aquela do Renascimento, sobretudo pela novidade que aporta, a obra de Michel Jeanneret merece uma tradução no Brasil.

296

*Éros Rebelle,
Littérature et
Dissidence à
l'Âge Classique,
de Michel
Jeanneret*

Paula Schild
Mascarenhas